

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO

RODRIGO FASANO DA SILVA

A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA: UM DIÁLOGO
ENTRE A EDUCAÇÃO, A CULTURA E O SUJEITO

RIO DE JANEIRO
JUNHO/ 2006

RODRIGO FASANO DA SILVA

**CONSTRUÇÃO SUBJETIVA: UM DIÁLOGO
ENTRE A EDUCAÇÃO, A CULTURA E O SUJEITO**

Monografia (desenvolvida durante a disciplina *atrain*
de Monografia 2) apresentada à Escola de
Educação da Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, como pré-requisito para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia. *licenciatura*

Orientadora: Prof^a. Dra. Rita Maria Manso de
Barros.

Rio de Janeiro

Junho de 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

~~DISCIPLINA: MONOGRAFIA 2~~

ESTUDANTE: RODRIGO FASANO DA SILVA

MATRÍCULA: 20021351507

**A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA: UM DIÁLOGO ENTRE A
EDUCAÇÃO A CULTURA E O SUJEITO**

Rio de Janeiro

Janeiro de 2006

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, a minha avó e a minha madrinha, Ana, Lourdes e Tereza, respectivamente, que tanto investiram em minha educação no seu mais amplo sentido. Que ao longo de toda a minha trajetória educacional se mostraram presentes e confiantes na minha pessoa, sempre me estimulando a seguir em frente e a perseguir meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma geral a todos que passaram pela minha vida e que tanto me ensinaram, cada um com sua especificidade, sejam estes familiares, amigos e professores.

Agradeço em especial a minha mãe, minha avó, minha madrinha e à Mariana, que a todo dia me encorajaram a seguir em frente. É por elas e também para elas que chego a esta etapa da minha vida, agradeço-lhes por toda a minha formação educacional e pessoal.

Quanto aos amigos, agradeço a todos pelas contribuições singulares. Citarei alguns nomes, e saibam que vocês são de extrema importância para mim; são eles: Heloisa, Leandro, Washington, Rodrigo, Renata, Alessandra, Cristiane, Juliana, Tatiana.

Agradeço também a professora e orientadora Rita Maria Manso de Barros, que me auxiliou academicamente, desde meu ingresso na pesquisa.

Quanto aos professores, foram tantos olhares diferentes e complementares que só vieram a somar e propiciar uma boa formação pessoal e acadêmica, dos quais eu destaco: Ângela Martins, Antônia Pincano, Maria Ângela, Rita Manso, Sandra Albernaz e Valéria Wilke.

Agradeço por ter tido a honra de caminhar junto com meus amigos de curso, a quem devo não só a minha formação como foram estes uns dos responsáveis pela minha decisão de dar continuidade ao curso. Agradeço a todos, por terem tornado estes anos tão prazerosos e inesquecíveis. E agradeço em especial aos meus "novos irmãos" Renata, Marcella, Lisi e Felipe; pessoas estas para mim inesquecíveis!

RESUMO

Este trabalho se propõe a estabelecer um diálogo entre os conceitos de sujeito, educação e cultura, enfatizando a forma como estes interagem e a influência que estes dois últimos têm quanto à construção subjetiva. É proposta uma reflexão mais ampla quanto ao entendimento do conceito de educação e seus desdobramentos. Tal discussão é trazida à tona para que se tenha um entendimento crítico sobre a influência da educação e da cultura enquanto construtores do sujeito, ou seja, como estes conceitos possuem influência direta na vida e cotidiano de cada um de nós; para que assim seja possibilitada uma discussão mais crítica quanto aos papéis das mesmas.

Palavras-chave: Subjetividade, Cultura e Educação.

“A densa selva de palavras envolve
espessamente o que sinto e vivo, e
transforma tudo que sou em alguma coisa
que fica fora de mim.”

Clarice Lispector

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
INTRODUÇÃO	1
I - CONCEITUAÇÕES	2
II - ARTICULAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E CULTURA	25
III - PARA QUE SERVE AFINAL A EDUCAÇÃO?	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
FILMOGRAFIA	43

Introdução

A proposta deste trabalho é fazer uma reflexão crítica sobre o ato de educar em relação com a construção da subjetividade, assim como pretende destacar o papel da cultura neste diálogo, entendendo-se de forma clara como estas questões se interligam.

Para se alcançar tais objetivos será feita uma análise, tão profunda quanto permite os limites de uma monografia, sobre os conceitos de sujeito, educação e cultura, buscando entender não só o próprio sentido da palavra, como também suas aplicações e relações mútuas.

Sempre que possível buscar-se-á o diálogo entre estes três campos, uma vez que entendemos que uma discussão que se pretenda fecunda sobre qualquer um destes termos, não pode ignorar seu atrelamento aos outros dois.

Esta proposta de tema surgiu a partir do subprojeto de pesquisa por nós desenvolvido no percurso da Faculdade de Pedagogia, ao longo dos três últimos anos, que tinha como título "*A interferência cultural na construção da subjetividade feminina*". A partir dos achados da pesquisa, pudemos fazer um recorte do tema, com o acréscimo de uma discussão mais vigorosa acerca da conceituação de educação e suas implicações.

Assim, iniciamos esta monografia convidando o leitor a pensar o que caracteriza ser sujeito? O que é afinal a educação? O que se entende por cultura? E ainda uma questão que entendemos como norteadora deste trabalho: como estes conceitos dialogam entre si?

CAPÍTULO I

Conceituações

O que é sujeito? Origem do termo

Para se pensar a respeito de uma definição de sujeito, deve-se partir para a investigação da origem de tal palavra em nossa língua, pois as palavras possuem pesos simbólicos que perpassam por a teia da rede social. Tal fato é ressaltado por Bakhtin quando este enfatiza a importância da palavra, caracterizando a sua função como:

... a palavra penetra literalmente em todas as relações dos indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios¹ (BAKHTIN, 2004: 41).

A palavra sujeito é oriunda da palavra *subjectus* de origem latina e que pode significar: posto de baixo; posto diante, exposto a; subordinado, submetido, sujeito, dependente; que está a mão, à disposição, que está pronto; acrescentado, colocado depois; colocado perto, próximo, vizinho, substituído, falsificado, levado para cima.

Mesmo havendo uma abundância de significações para tal palavra, é facilmente perceptível que o sujeito (eu) sempre está relegado à existência do outro para que este possa justificar a sua essência. Por exemplo, se atentamente forem olhadas as definições acima será percebido que sujeito significa estar

¹ Bakhtin ao longo de seu texto faz uso do termo indivíduo quando este se refere às pessoas que compõem a sociedade. Quanto a tal, gostaria de deixar explícita a minha preferência pelo uso da palavra sujeito, pois a palavra indivíduo significa o não dividido, e ao longo de todo este trabalho ficará evidente que o ser humano só existe a partir das relações sociais, da interação com o outro, do diálogo entre o Eu e o Outro, e não a partir da sua não divisão, da sua estagnação, como sugere a palavra indivíduo.

exposto a, subordinado a, submetido a, à disposição de alguém ou alguma coisa e assim por diante. Porém, este outro com quem o sujeito está interagindo não necessariamente precisa ser um outro ser humano, mas sim um outro que seja simbólico, como, por exemplo, no filme *Náufrago*, a personagem *Chuck Noland*, depois de ser o único sobrevivente de uma queda de avião em uma ilha deserta e ter que lidar com a solidão, resolve construir um outro simbólico que é o *Wilson* (materialmente representado por uma bola de vôlei, onde inclusive ele insere um rosto humano por meio de desenho) para assim tentar escapar da loucura na qual a aquela momentânea solidão simbólica o estava lançando. Isto porque o ser humano é um ser social e necessita da existência do outro para que haja o Eu, o sujeito, pois sem o outro, o eu perde suas características, o que em outras palavras significa a morte simbólica do sujeito.

O nascimento do sujeito

Para se entender como surge o sujeito é necessário que se pense em termos simbólicos como este nasce.

A idéia de nascimento, em nossa sociedade, está muito ligada ao surgimento físico de algo, seja por influência do nascimento biológico, ou mesmo o dito "aparecimento ou descobertas" realizadas pelas ciências exatas. Mas quando se trata do sujeito deve-se ter em mente que o seu nascimento em grande parte é *a priori* ao seu surgimento físico, pois o sujeito geralmente se faz presente no campo simbólico de seus responsáveis² antes mesmo do início da gestação da mãe. Sendo assim, é criada, antes mesmo de seu nascimento físico,

² Uso o termo "responsáveis", pois este lugar não necessariamente precisa ser ocupado pela mãe e pai biológico, mas sim por quaisquer pessoas que virão a ocupar tais papéis simbólicos.

toda uma subjetivação quanto à forma que este novo corpo será inserido em nossa sociedade, além da formação de sua personalidade, desejos das suas figuras maternas e paternas que nele serão alimentados, como este vai se comportar no mundo, que lugares sociais irá ocupar, entre outros.

Freud^V nos mostra que este novo ser humano só poderá vir a ser considerado como sujeito no momento em que este for inserido no mundo da linguagem, que é o campo que permeia toda a simbolização.

... a simples tomada de consciência, mesmo confusa, de uma sensação qualquer, digamos a fome, pode dispensar uma expressão exterior mas não dispensa uma expressão ideológica; tanto isso é verdade que toda tomada de consciência implica discurso interior, entoação interior e estilo interior, ainda que rudimentares (BAKHTIN, 2004: 114).

Quando uma criança nasce, ela não é possuidora de pensamentos, nem mesmo tem ciência de que existe um mundo externo a ela, uma vez que esta ainda não fala, não possui os signos da linguagem instaurados em si, fato este que não lhe permite pensar, ou seja, ainda não habita naquele corpo um sujeito simbólico, que, no entanto já veio a ser criado por seus pares sociais. Aos poucos tal criança começa a escutar diversas palavras de outros sujeitos sociais, que em um primeiro momento é muito comum que sejam estes pertencentes a sua instituição familiar, e com o passar do tempo ela vai se familiarizando com tais pessoas e signos da linguagem, ou seja, ela é introduzida na cultura propriamente dita. Pois tais signos estão embebidos de ideologias e pensamentos. Pode-se dizer que este é um dos primeiros contatos mais diretos da criança com a cultura e com um início de criação de um vínculo social, além do florescimento do sujeito simbólico naquele corpo físico.

Esse processo fica claro quando Bakhtin diz que "a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico)³ e, conseqüentemente, somente no processo de interação social" (BAKHTIN, 2004: 34).

Tal frase reforça o que já havia descrito antes, porém abre brecha para uma nova discussão: será que tudo o que o sujeito é, corresponde apenas àquilo que é consciente e que este só pode ser encarado como sujeito em tais condições?

Como a psicanálise entende o que é o sujeito?

Antes do surgimento da psicanálise havia o *cogito* cartesiano que guiava a forma de entendimento do sujeito. Este dizia "penso, logo sou", ou seja, tudo o que fosse consciente, era o sujeito, pois este só era considerado com tal se estivesse lúcido de si, se fosse consciente. Porém, com a inauguração dos estudos da psicanálise por Freud, surge um novo cogito que foi elaborado por Lacan, nas suas releituras dos textos freudianos, que assombra afirmando que "penso onde não sou, portanto sou onde não me penso". Esta frase ajuda a marcar a noção de construção simbólica do sujeito com a elaboração da idéia de inconsciente por Freud.

Por consciente se entende tudo aquilo ao qual o sujeito tem acesso lucidamente, qualquer pensamento que seja, o fato de se poder saber o que se está pensando já se caracteriza por um processo consciente. Ao contrário disso,

³ Guattari caracteriza atividades semióticas como sendo "atividade de orientação no mundo social e cósmico" (GUATTARI, 1986: 15).

por te
Sem 21

no momento há a operação de recalque de ideias do
operação de recalque.
6
tudo ao que não se pode ter acesso (mentalmente), Freud chama de inconsciente, sendo este entendido como lugar dos pensamentos aos quais não temos acesso enquanto seres lúcidos. Este é o "lugar" onde ficam os nossos recalques, que ajudam a construir a nossa personalidade e a forma com a qual lidamos com o mundo sem que saibamos exatamente que pensamentos são estes. Garcia-Roza destaca em seu livro *Freud e o inconsciente* que:

Inconsciente e consciente se formam por efeito de um mesmo ato (...) é a aquisição da linguagem que permite o acesso ao simbólico e a conseqüente clivagem da subjetividade. No entanto, a linguagem é instrumento do consciente e não do inconsciente. Este é constituído sobretudo de representações imagéticas, ficando a linguagem restrita ao campo do pré-consciente-consciente (GARCIA-ROZA, 2004: 176).

Há ainda esta noção de pré-consciente-consciente, porém tal noção não nos acrescentaria na discussão que queremos destacar, logo vale neste momento determo-nos na explicação do consciente e do inconsciente.

No que diz respeito à constituição do sujeito, a psicanálise freudiana explica através de um sistema psíquico onde se faz presente o Id, o Ego e o Superego.

O Id é a instância psíquica que está mais ligada às pulsões do sujeito, ou seja, suas vontades mais primitivas, internas e inacessíveis. Uso a palavra inacessível, pois a instância do Id está diretamente relacionada ao inconsciente, sendo esta uma instância só acessível indiretamente, através de suas formações: sonhos, atos falhos, sintomas etc. Ela é responsável pelos desejos mais íntimos do sujeito e está diretamente ligada ao conceito de pulsão de vida.

Freud também em seus estudos elabora a idéia de pulsão, que se divide em duas; pulsão de vida, que pode também ser chamada de pulsão sexual ou *Eros*, e pulsão de morte que alguns insistem em chamar de *Tânatos*, embora este termo nunca tenha sido usado por Freud. As idéias das pulsões estão ligadas ao

quem goza é o sujeito

gozo dos desejos, estas sempre estarão atreladas a satisfazer a libido. Porém, sua diferença é a de que enquanto a pulsão de vida tenta a todo custo "preservar a substância viva, para reuni-la em unidades cada vez maiores" (FREUD, 1929/1976: 141), a pulsão de morte busca "dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e inorgânico" (Idem: 141).

Assim, o Id fica sendo caracterizado como a instância totalmente inconsciente, que busca incessantemente a satisfação da pulsão, o gozo, a partir da descarga de excitação pulsional.

Outra instância que se faz presente na constituição da psique do sujeito é a do Superego ou Acima do Eu. Freud definiu a função do Superego como sendo a de "manter a vigilância sobre as ações e as intenções do Ego e julgá-las, exercendo sua censura" (Ibidem: 160). Tal vigilância baseia-se nas regras e valores que são culturalmente estabelecidos em dada sociedade a qual o sujeito pertence; sendo assim o Superego é a instância que fica responsável por instaurar as normas sociais no aparelho psíquico, delimitando a construção do sujeito. Desta forma, todas as pessoas que cruzarem as fronteiras impostas pela cultura serão "castigadas por si mesmas" através da atuação do Superego. Este surge no ser humano através de uma espécie de rito de passagem, levando o homem de um estado de natureza, de um ser meramente biológico, para o estado de cultura, passando a ser um ser social, um sujeito pertencente a uma dada sociedade.

Ainda há a instância do Ego, ou Eu, que surge com o objetivo de se tornar um mediador entre a constante busca de prazer pelo Id e a constante castração do Superego dadas as normas sociais.

O ego encontra-se, portanto, em contato com dois mundos. Pela sua posição em face do sistema perceptivo, ele é o responsável pelo "teste de realidade" e pelo controle da motilidade; pela sua relação com o id, ele funciona como mediador entre este último e o mundo externo, isto é, procura atender às exigências do id com um mínimo de conflito com a realidade e com o superego. De qualquer maneira, o ego permanece dependente do id, pois é do id que ele retira a libido necessária à sua própria manutenção. Ameaçado pela tirania do superego... (GARCIA-ROZA, 2004: 208).

Quando falamos da instância do Ego, devemos tomar a precaução de não confundir esta instância com o significado do que é o sujeito em si. Embora o Ego seja o responsável pela "decisão" final (uma vez que este faz a relação entre Id e Superego), a subjetividade é constituída por todo o funcionamento do aparelho psíquico simultaneamente e seu entendimento não fica relegado apenas ao funcionamento do Ego. Daí porque pensamos a subjetividade como dividida e entendemos que o sujeito decorre da divisão, que alimenta os conflitos. É a partir desta organização e funcionamento, que a psicanálise entende a construção do sujeito.

Deve-se entender que cada sujeito é único, é produto de um conjunto de subjetividades distintas ou mesmo semelhantes, que através de suas imensuráveis relações produzem um ser singular, com marcas e características próprias, inigualáveis a quaisquer outras formas de se pensar. Este sujeito é uma constituição única, que em meio às mesmas teias sociais nas quais todos se inserem ele se torna distinto de todos ou outros. É como as impressões digitais ou mesmo a formação da retina, todos os humanos possuem traços e cores semelhantes dadas as limitações de variedades das mesmas, porém em cada um está inserida uma marca própria, uma subjetividade única, que permite a distinção de cada um dentre os seus iguais.

O que é subjetividade?

Subjetividade é tudo aquilo que cerceia o sujeito, são todos os conjuntos de valores aos quais o sujeito segue e todos aqueles que também estão presentes sem que este os siga. É a forma como este lida com o mundo e como este se permite colocar-se no mesmo.

A manifestação do conceito do que é subjetividade por si só é ilimitada e não possui barreiras, portanto, é tão difícil definir-lhe com palavras, pois esta transborda o alcance das mesmas. Vai além do que escrevo.

A subjetividade não é palpável, não é delimitada, mas sim pensamentos que brotam e que morrem, são idéias que surgem e lutam, são ideologias que vigoram e comandam, são utopias que ameaçam e que se nutrem. É todo o arcabouço de idéias que cercam a psique do sujeito. É tudo aquilo que está ao alcance e para além das definições.

Pode-se tentar pensar de maneira mais formal, que por subjetividade se entenda tudo o que se encontra no campo das idéias, ou como diria Platão, no mundo das idéias. Pode-se tentar dizer que é a forma com a qual o aparelho psíquico funciona; já que esta é uma convenção feita por Freud, poderia se dizer que não passa de mais uma subjetividade; pois é exatamente o que isto é, subjetividade, assim como o capitalismo, a física, a ideologia, os pensamentos, as palavras que possuem muitos outros significados e que carregam valores, por fim, é tudo aquilo que é simbólico.

Entretanto, deve-se ressaltar que em relação direta com cada sujeito, pode-se caracterizar a subjetividade como sendo o espaço onde o sujeito

juntamente com a cultura consegue escrever sua história, este é o espaço onde essa história é construída, é o local onde se encontram as marcas do sujeito.

Origem do sujeito e sua relação com a Educação

Para que nasça a subjetividade, assim como o sujeito, é necessário que haja uma construção simbólica dos mesmos atravessada pelo campo da cultura; esta será responsável principalmente pela adaptação dos novos sujeitos e subjetividades a esta "nova" sociedade através da imposição de suas regras, com o objetivo de que estes se tornem civilizados e compactuem com os valores e normas sociais que se encontram vigentes. Este papel de adaptação a tais normas vigentes é relegado à educação⁴. Para que tal fato ocorra é de extrema importância ressaltarmos a educação como a continuidade⁵ desse processo de construção do sujeito.

Por ser um tema complexo e crucial para o entendimento desta discussão, será realizaremos uma análise mais minuciosa sobre o entendimento do que vem a ser educação.

O que é educação? Origem do termo.

A palavra educação tem origem no latim, mais especificamente da palavra *educatio, ōnis*, que tem dois significados: 1) Sentido próprio – ação de criar

⁴ Entendendo esta educação não somente como a instituição escola, mas sim como toda a sua complexidade.

⁵ O uso do termo continuidade é para expressar que o processo educativo do sujeito já foi iniciado desde a sua constituição simbólica, e tal processo o acompanha por toda a sua vida, seja fora das instituições ou mesmo dentro delas. Assim sendo, o processo educativo pode ser classificado como contínuo. Tal discussão será ampliada mais à frente.

(animais), alimentar (plantas), criação, culturas; 2) Sentido figurado – educação, instrução.

O segundo sentido da palavra *educatio, ōnis*, possui uma influência maior no que tange ao nosso entendimento de educação nos dias de hoje, pois a compreensão desta parece estar diretamente relacionada ao que diz respeito à instrução do outro.

Quando se pensa em educação automaticamente pensa-se na escola, instituição esta que é voltada para a instrução do outro, principalmente no que diz respeito ao conhecimento, seria a instituição social que tem como função transmitir o conhecimento, assim como também a de fundar o cidadão; sendo assim relegado a esta uma grande importância quanto à construção do sujeito. Porém tais fatos conduzem a um questionamento: será que esta construção do sujeito pode se restringir à obtenção dos saberes e formação do cidadão?

O que é o ato de se educar?

Em nossa sociedade, o ato de educar está extremamente relacionado à instituição escola, pois esta conseguiu elaborar uma metodologia sintetizada através da qual se transmitem⁶ aos alunos os conhecimentos acumulados por grande parte da complexa história de nossa sociedade.

⁶ Uso o termo *transmitir* por causa da escolha da palavra *aluno* por parte das instituições escolares: esta significa sem luz, aquele que precisa ser iluminado, ao qual precisa ser transmitida a luz do conhecimento para que este passe a ter luz própria, passe a brilhar por si só. É como se esse fosse uma estrela, dependente do sol (escola) para poder brilhar. Dentro dessa lógica, fica claro o entendimento que esta instituição tem frente aos seus usuários.

Porém, deve-se refletir sobre o que é de fato o ato de educar. Será este um mero ato de transmissão de conhecimento? O que é ensinar? Estarão estes unicamente relegados aos profissionais da área de educação?

Rubem Alves em seu livro *Ao professor, com meu carinho* diz que “o ato de educar se revela no ato de fazer amor” (ALVES, 2004: 21). Dentro de sua metáfora, o que Alves nos mostra é que primeiramente o ato de educar nunca se dá sem a interação com o outro, pois o ato de fazer amor pressupõe que haja ao menos duas pessoas. Sobre este aspecto Oliveira (1997) ao trazer as idéias de Vygotsky já nos alertava, pois segundo o mesmo, um aprendizado nunca se dá sem a interação com o outro, para se conhecer algo novo se fará necessária tal interação. Também nos mostra que deve haver uma relação mínima de afeto entre os participantes, sem que este seja confundido com maternagem, mas sim no sentido de haver um vínculo entre os sujeitos envolvidos em tal processo. Ainda a partir desta metáfora, dá-se o entendimento de que o ato educativo é capaz de fecundar pensamentos e este gerar frutos, ou seja, o ato de pensar, refletir, criar.

O ato de se ensinar está intrínseco à discussão do ato de se educar, sendo um inerente ao outro, ao mesmo tempo em que ambos se distinguem mutuamente, é como discutir sobre moral e ética, ambas se correlacionam ao passo que são distintos um do outro. Quanto ao ensinar, Alves destaca que:

A Adélia Prado me ensina pedagogia. Diz ela: “Não quero faca nem queijo; quero é fome”. O comer não começa com o queijo. O comer começa na fome de comer o queijo. Se não tenho fome, é inútil ter queijo. Mas, se tenho fome de queijo e não tenho queijo, eu dou um jeito de arranjar um queijo (...) os cozinheiros bem que podem dar lições (...) os banquetes não se iniciam com a comida que se serve. Eles se iniciam com a fome. A verdadeira cozinheira é aquela que sabe a arte de produzir fome... (idem: 53).

Assim, o ato de ensinar se mostra correlacionado ao ato de se instigar a conhecer algo, de despertar a curiosidade, de semear, de instigar o sujeito a conhecer o que até então é desconhecido. Porém este processo pode se dar de várias formas. Seja quando alguém lhe mostra algo novo, até então desconhecido para o sujeito, ou então quando este sozinho se depara com uma novidade, ou ainda quando este se permite transpor os limites de seus conhecimentos, entre outros. Isso tudo se dá no dia-a-dia das mais diversificadas formas, seja quando alguém não conhece o alfabeto e deseja saber mais sobre o mesmo, pode ser quando uma criança pergunta a alguém de onde ela veio, como ela nasceu, ou então quando alguém quer chegar a algum lugar que nunca estivera antes e vai aos poucos pedindo a ajuda dos outros, do conhecimento que os outros tem e através deste processo consegue chegar ao lugar pretendido. Enfim, o ensinamento se dá das mais variadas formas, nas mais ilimitadas configurações.

Com isso, já se pode perceber que o ato de educar, o ato de se ensinar transborda os muros das escolas, pois com tais exemplos fica nítido que este é um ato social, um ato de interação com o outro, de se aprender com o outro, um ato de dialogar com o outro, nos mais facetados campos da sociedade. Aprende-se com os pais, amigos, vizinhos, estranhos, professores, filhos, enfim, a todo o momento estamos sujeitos ao aprendizado, ao ensinamento, e aos novos conhecimentos. Mostrando assim que tais atos não estão reduzidos unicamente às ações dos profissionais da educação ou mesmo às instituições escolares. Sintetizando o pensamento, digo que educar é dialogar com o outro.

Para que serve a Educação? Porque se educa?

Como foi demonstrado anteriormente, o sujeito nasce quando este é inserido no mundo da linguagem e conseqüentemente no mundo simbólico; e que no início de sua vida este responde unicamente ao princípio do prazer, ou seja, apenas quer satisfazer seus desejos primários, sem qualquer reflexão acerca de tais atos. Quando este está com fome ele simplesmente se manifesta por estar sentindo tal desprazer, esta manifestação se dá principalmente através do choro, e logo alguém vem saná-lo, dando-lhe qualquer tipo de alimento. Este é um exemplo básico para se entender este princípio do prazer.

Este princípio do prazer não fica restrito aos anos iniciais da vida de um sujeito, este vai se desenvolvendo e acompanha tal sujeito ao longo de toda a sua vida. Porém há de se reconhecer que se todos os sujeitos que compõem um corpo social resolvessem agir de acordo com seus desejos primários, a vida social seria impossível, uma vez que ninguém respeitaria regras e valores e assim tudo seria possível, qualquer um poderia fazer exatamente aquilo que bem quisesse. Logo, para que não haja este tipo de manifestação, a sociedade humana se tornou civilizada. O princípio de prazer recebe a capa do princípio de realidade.

A civilização, ou seja, “a totalidade das obras e organizações cuja instituição nos afasta do nosso estado animal, de nossos ancestrais”, serve a dois fins: “proteger o homem contra a natureza e regular as relações dos homens entre si” (Millot, 2001: 109).

Como a citação anterior explicita, a civilização é a ferramenta utilizada pela sociedade para que haja uma normatização dos comportamentos a fim de que estes passem a se manifestar apenas dentro de um padrão, permitindo uma boa convivência social.

Em outras palavras, a civilização tende a suprimir, controlar ou filtrar os objetivos do princípio do prazer, seja através da renúncia à satisfação pulsional, seja, no melhor dos casos, através da sublimação⁷ dos desejos, ou ainda através da sensação de mal-estar gerada pelo sentimento de culpa⁸. Quanto mais civilizada mais normatizada é uma sociedade, e mais a vida social é viável e estável. Porém, este excesso de normas vai tornando a vida cada vez mais infeliz, já que os desejos devem ser constantemente desviados de seus objetivos (sublimados) ou, até mesmo, suprimidos em prol do bem-estar da vida social.

Para esta discussão deve-se ainda ressaltar que essas regras e valores advindos do processo civilizatório, vão se manifestar de formas diferentes de acordo com a cultura local e a época. Já que embora distintas cultura e civilização se encaminhem juntas.

É exatamente neste processo que a educação mostra seu principal valor, já que é ela que vai ser responsável por todo esse aprendizado quanto às regras e valores pertinentes à vida social.

A civilização é o resultado do processo educativo da humanidade. “Se considerarmos as relações entre o processo civilizatório e o processo de desenvolvimento ou de educação do indivíduo, não hesitaremos muito tempo em declarar que ambos são de naturezas muito semelhantes – embora não sejam processos idênticos aplicados a diferentes objetos” (Idem, 2001: 114).

Toda essa construção se dá no campo do simbólico, no que tange à constituição da subjetividade de um sujeito qualquer. Assim fica denotada a importância do processo civilizatório que, apesar de insatisfatório no que diz

⁷ Sublimação corresponde à forma mais elevada de satisfação pulsional já que ela encontra objetivos socialmente aceitos para se satisfazer.

⁸ não cabe neste trabalho fazer uma maior investigação sobre como se dão esses processos. basta neste momento saber que estes se dão a partir do processo de “civilizar”, domesticar a pulsão.

respeito à realização dos objetivos do princípio de prazer, é a ferramenta chave que permite o bom convívio social, sustentando os alicerces da civilização.

Como esta se difunde?

A educação que tem como base à formação do cidadão, tem incorporado dentro de seus meios o discurso civilizador. Seja primariamente, no âmbito familiar quando a criança passa a aprender e entender o porquê que deve usar o banheiro, a como comer na mesa de jantar, as palavras que podem ser usadas em cada lugar, à maneira de se comportar, entre outros; assim como na instituição escola - geralmente a primeira grande instituição socializadora – que geralmente possui regras bem nítidas de comportamento, de forma que fica clara a forma como estes devem lidar com figuras hierarquicamente superiores, como a de professores e profissionais da direção, e também como se comportar em uma sala de aula, como lidar com seus colegas e assim por diante.

É a partir destes aprendizados mais minuciosos que aos poucos vão se instaurando no sujeito tais regras sociais que são pertinentes à vida em civilização, regras estas que permitirão a boa convivência social, assim como também uma castração dos desejos do sujeito, gerando-lhe um certo grau de insatisfação, pois este não pode responder ao seu princípio do prazer como antes em prol de um bem estar coletivo.

Há forma correta de se educar?

O ato de educar é bem subjetivo já que está relacionado ao diálogo/interação entre os sujeitos. Pois sempre que se dialoga há uma troca,

uma transmissão, no sentido de estar havendo uma relação direta de intercâmbio de informações.

naq esta na bibliografia
 Vygotsky em sua teoria enfatiza que para conhecer algo, para aprender algo, deve-se estar em relação com o outro, pois só se aprende a partir do outro, a partir da troca, numa espécie de fecundação recíproca. Como destaquei anteriormente, quando uso o termo transmissão, enfatizo o ato de estar transmitindo ideologias a partir do diálogo, como demonstra Bakhtin. A partir da fala, da entonação, da forma como se fala, os sujeitos transmitem ideologias, de forma inconsciente e, portanto, subjetiva. Logo fica difícil se pensar uma forma, um modelo rígido e correto de se ensinar, porém, pode-se fazer uma reflexão e até mesmo algumas críticas quanto à forma como se ensina.

Millot (2001) em seu livro *Freud Antipedagogo* faz uma análise dos textos de Freud e relaciona de que forma a psicanálise poderia vir a auxiliar a educação. Ela levanta uma das críticas de Freud à Educação que é a de que esta não “preocupa-se” em instruir para a realidade, mas sim para a ilusão.

O educar pela ilusão seria o ato de se educar onde não se reconhece o desejo, ao invés disso, deve-se recalá-los. Exemplificando para que fique claro, se algum sujeito começa a refletir sobre a morte – tema este que é um tabu social – este passa a ser um assunto proibido, que não deve ser discutido, pois gera muita polêmica, inclusive entra nesta discussão a temática religiosa, como sendo um viés que vem a responder tal pergunta e que possibilita um certo alívio. Assim, ao invés de elucidados, estes temas passam a ser recalado pelo indivíduo, o que de certa forma gera-lhe insatisfação. Millot deixa claro em seu livro este ato, quando diz que:

As ilusões não nos confortam em nosso bem-estar, ou em nosso mal-estar, senão à custa de recalá-las. (...) A educação para a ilusão se esforça por adequar todos às ilusões pelo viés da proibição de pensar, no qual Freud vê simultaneamente o fundamento e a meta das práticas educacionais (MILLOT, 2001: 105).

Como uma proposta análoga a tal ato citado, Millot, ao fazer a leitura das obras de Freud, propõem o ato de se educar para o real. Este ato é caracterizado por reconhecer o desejo, elucidá-lo e deixar que o simples ato da elucidação deste desejo leve o sujeito a entender o porquê de tal ato não proceder.

Mantendo o mesmo exemplo anterior, para se proporcionar um melhor entendimento, veremos que se alguém tem curiosidade em saber sobre a morte, ao invés de reprimir tal assunto e mantê-lo como tabu, pode-se alimentar reflexões e debates acerca do tema que no final venham a esclarecer tal dúvida. Assim tendo procedido, o desejo de saber do sujeito será respeitado e, ao saber como virá a proceder, seja a partir do entendimento religioso, do entendimento científico ou filosófico, entre outros, a questão será “sanada” e o próprio sujeito se sentirá melhor, já que este teve seu desejo respeitado e suas dúvidas debatidas, por mais que em algumas vezes não seja capaz de chegar a um resultado efetivo. Este princípio é o que é usado na clínica psicanalítica, onde o conhecimento de si mesmo, que depende do contato com o outro (psicanalista), pressupõe uma melhor forma de lidar com o problema em questão. Quanto a isso, Millot destaca que:

O reconhecimento do desejo sempre teve uma virtude pacificante: eis o princípio da cura analítica (...) dizer não a um desejo é reconhecê-lo como dito, reconhecê-lo como desejo. O sonho demonstra que o desejo pode se “satisfazer” com isto: o desejo se “realiza” no dizer. Este poderia ser o programa de uma educação de orientação analítica (Idem: 105).

Se observarmos como o ato de educar se dá na atualidade, verificaremos á que majoritariamente a educação ainda ensina no sentido da ilusão, mantendo assim uma tradição que é secular, que vem se conservando constante desde a instauração da mesma. O que torna difícil fazer uma análise social comparativa das duas formas destacadas por Freud sobre o ato de educar, que se divide em educar para a ilusão e educar para a realidade.

Relação entre educar e cultura.

A forma como se educa está atrelada ao contexto social, histórico e econômico de uma dada sociedade, ou seja, pode-se pensar a cultura como norteadora das construções e ações educativas que se darão ao longo de toda a teia social.

Como foi mostrada anteriormente, a cultura possui uma relação de simbiose com a educação, pois uma está demasiadamente atrelada à outra, sendo uma indispensável à outra. Se por um lado temos a educação como uma das formas de manutenção e disseminação da cultura, por outro, temos um processo educativo que só se justifica e pode se manifestar como tal devido à existência da cultura.

Para ampliar tal discussão, se faz necessário entender plenamente o conceito de cultura, para assim poder ser discutida essa relação existente entre o ato de se educar e a cultura.

O que é cultura? Origem do termo

A palavra cultura é oriunda do termo latino *cultúra*, -ae, e que possui dois sentidos, sendo estes: 1) sentido próprio: cultura, agricultura; 2) sentido figurado: cultura (do espírito). Ação de cortejar, fazer corte a alguém.

Pegando o sentido próprio do termo, pode-se começar a refletir sobre as implicações sobre o que afinal significa a palavra cultura, já que ambos os termos apresentados estão ligados à idéia de cultivar, de semear, de gerar algo. Se for pensado o sentido figurado, poder-se-á pensar a respeito de um cortejo, de um convite, de estar chamando, convidando, algo ou alguém para alguma coisa. Ao realizar-se uma fusão entre as duas significações, pode-se pensar uma significação da ordem de convidar, chamar, cortejar alguém ou algo para criar, semear, gerar algo.

Eis como vejo o papel inicial da cultura quanto à construção da subjetividade, do sujeito: é uma forma de convite para que um dado corpo humano se incorpore à cultura, transformando assim tal corpo em sujeito. Este convite é feito constantemente, primeiramente através da linguagem, repetindo-lhe diversas palavras, até que este passa a decodificá-las, pode-se entender essa constante repetição como uma forma de cortejo, onde a todo o momento tenta-se gerar o sujeito simbólico em tal corpo humano.

Para além do convite e cortejo, a cultura também se encarrega em perpassar ao novo sujeito todos os valores, regras, costumes, subjetividades em geral, para que tal sujeito possa de fato se incorporar à sociedade em que este se faz presente.

Esse ato de integração do sujeito à cultura local, é muito relegado a este momento onde o sujeito passa a incorporar as normas relativas a esta cultura. Fazendo uma analogia, é como se dentro deste sujeito fossem sementeas,

geradas tais regras, internamente, este é um movimento que vai do meio externo para o meio interno, e uma das maneiras que viabilizam tal movimento é a educação, além da estruturação das instâncias psíquicas, como o Superego, como já foi anteriormente explicado.

Quando se fala em incorporação de normas e valores para se definir cultura, deve-se fazer uma observação quanto ao significado da palavra civilização, já que tanto se confundem estes dois termos. Para que fique claro o entendimento do que é cultura, será feita uma breve distinção entre estes dois termos.

Após a leitura de dois textos⁹, chega-se à conclusão de que a cultura corresponde às singularidades que permitem diferenciar um povo do outro, como por exemplo, as suas criações intelectuais, artísticas e religiosas; já por civilização ficam circunscritas as características que são tidas como universais, retirando qualquer tipo de singularidade, podendo assim ser utilizada por qualquer povo referente àquela raça, como, por exemplo, a tecnologia.

Pode-se então verificar que o termo civilização trata de algo universal já que enfatiza o que é comum entre os seres humanos, enquanto o termo cultura expressa o particular, a singularidade de um povo, suas produções específicas (arte, política, religião) (BARROS, 1999: 126).

Para que serve a cultura?

A cultura é o fator que permite ao homem viver em sociedade através da criação de regras que são impostas a ele para que este as siga. Essa imposição

⁹ Destaco da bibliografia pesquisada, sobretudo os textos de: BARROS, Rita M. – A promessa psicanalítica e o mal-estar na cultura: MEZAN, Renato – Freud, pensador da cultura.

se manifesta de forma a cobrar às pessoas que elas não se desviem desses códigos que foram transpassado-lhes através da cultura.

Para que haja um bom convívio social num determinado grupo de pessoas, faz-se necessária a criação de um conjunto de valores que representem claramente as formas de se relacionar em dada sociedade; valores estes que se constituirão em regras sociais.

O objetivo final destas regras sociais é o de proporcionar uma convivência pacífica entre todos os sujeitos que compõem este corpo social, e para que tal fato seja alcançado, estes sujeitos têm que recalcar suas pulsões em prol de bem social. Quanto mais ^{adestradas} recalcadas se encontram as pulsões do sujeito, mais este é tido como civilizado, entendendo-se assim que a finalidade última da civilização é ^{dos representantes ideais} o recalçamento das pulsões dos sujeitos e não a sua irrestrita felicidade conforme o objetivo do princípio de prazer.

O recalque se faz necessário pelo fato acima mencionado, pois como foi explicitado antes, as pulsões dizem respeito aos desejos íntimos dos sujeitos, que por si só não fazem relação quanto ao fato de prejudicar ou não o outro, apenas se interessam por saciar seus desejos, sejam estes quais forem. No momento em que existe uma cultura estruturada, com normas bem definidas, e portanto uma relação social harmônica, tais valores têm que ser passados para os novos sujeitos para que estes não venham a prejudicar o bom convívio social. Tal fato se dá através da disseminação da cultura, onde ao sujeito são ensinados os arranjos sociais. Quando este apreende essas regras, muitos de seus desejos, apoiados nas pulsões, passam a ser barrados, recalçados, através da ação do superego que diz respeito principalmente às regras sociais. Este ato de recalçamento das pulsões seria o ato do homem tornar-se civilizado, ou seja, o

momento em que este “abre mão” da satisfação de suas pulsões em prol do bem-estar social.

Por proporcionar tal relação é que é tão importante que haja a cultura, como uma normatizadora das regras sociais vigentes, pois esta será a reguladora da harmonização social.

Como esta se difunde?

A difusão da cultura se dá a partir das relações humanas. O homem é produto, assim como produtor de cultura, logo, a todo o momento este está vivendo a cultura, está exercendo a cultura e transmitindo-a.

Em um primeiro momento, se voltarmos à discussão da linguagem, veremos que é através desta que a cultura vai sendo introduzida nos novos sujeitos que vão sendo construídos dentro de uma sociedade. A fala, como foi ressaltada por Bakhtin (2004), possui uma importância fundamental e estruturante no que diz respeito à transferência de ideologias, muitas vezes sem que mesmo ambas as pessoas envolvidas percebam tal ato, logo, pode-se caracterizar a fala como um importante meio de disseminação da cultura.

As relações sociais também são extremamente importantes neste processo, pois com o outro, o “eu” vai aprendendo que não é tudo que se pode fazer, pois se deve pensar que dentro de um parâmetro de leis bem estabelecidas, se você prejudica o outro, haverá punição, seja esta a ordem simbólica, manifestada por meio do sentimento de culpa, pode-se manifestar também através de um meio institucionalizado, como as prisões, hospícios, entre

outros, ou ainda da ordem física, que seria desde chineladas por um comportamento impróprio até linchamento.

Se forem retomadas as reflexões acerca do que é educação, verificar-se-á que estas formas acima de comportamento têm por fim a educação do sujeito, educação esta que pode ser dada das mais diversificadas formas, o que começa a dar indícios de que existem relações diretas entre educação e cultura. Tamanha é a importância deste assunto, que nos deteremos nele, numa reflexão mais profunda, no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

Articulação entre Educação e Cultura

Há articulações entre Educação e Cultura?

Entre estes dois conceitos, o de educação e o de cultura, existe uma relação de simbiose, pois eles estão interligados, conectados, são intrínsecos. Não há forma de se discutir um sem se refletir sobre o outro.

Ambas, tanto a cultura como a educação, empenham-se em poder adequar os sujeitos às normas condizentes aos valores sociais previamente estabelecidos por todo o grupo, ou seja, as duas usam os mais variados artifícios para poder realizar o objetivo final que é o de adequar os novos sujeitos às regras sociais.

Embora esta abordagem já tenha sido aos poucos discutida ao longo de todo o primeiro capítulo, há de se acrescentar um dado novo que Millot (2001) chama a atenção em seu livro que é a diferença entre a forma como a educação¹⁰ fará essa construção de valores sociais no sujeito em detrimento da forma que a cultura fará o mesmo movimento. Millot faz o seguinte destaque em seu texto:

“Todavia, Freud estabelece uma diferença entre ambos os processos: embora os dois visem a realizar a unidade da comunidade humana, a educação tende a respeitar a dimensão “egoísta” da busca da felicidade pessoal; o programa do princípio do prazer é conservado, enquanto que, ao nível de civilização, a felicidade não é a meta essencial (Millot, 2001: 114).

¹⁰ Millot faz uso do termo educação, mas como este trabalho fez uma conceituação específica sobre o conceito de educar, destaco que neste momento este termo refere-se à educação ao nível institucionalizado – a escola.

Esta é uma diferença crucial para se ter um melhor entendimento do papel das instituições educacionais, assim como o da cultura, destacando ambos como atos civilizadores.

Para o entendimento de Millot (2001), que se baseia nos escritos de Freud para obter tal concepção, a instituição escolar, apesar de civilizadora e repressora¹¹, consegue ainda respeitar a busca da felicidade pessoal de forma egoísta. Isso quer dizer que, apesar de todas essas ferramentas castradoras utilizadas pela escola, esta instituição viabiliza aos sujeitos através, por exemplo, do incentivo do alcance do conhecimento tentar alcançar uma auto-realização; sendo esta entendida diferentemente por cada um. Tentando deixar claro através do uso de exemplos fictícios, posso pensar que para um sujeito ter uma excelente condição financeira pode ser uma forma de se auto-realizar, sendo assim, a instituição educacional, transmite o conhecimento que o possibilitará alcançar, dentro desta sociedade, um emprego melhor, que por sua vez, lhe pagará um bom salário. Assim sendo, pode-se dizer que a educação institucionalizada possibilitou a este sujeito alcançar a "sua felicidade pessoal" como destacou Millot, ou seja, apesar de durante toda a passagem dentro da instituição escola o sujeito ter sofrido repressão, com conseqüente recalque, de suas pulsões, e ter passado por todo um processo de adequação às normas sociais, ele conseguiu obter um certo nível de felicidade pessoal ao conseguir atingir sua meta. Isso seria o que Millot chama de "dimensão "egoísta" da busca da felicidade pessoal" na sua passagem acima. Embora este seja um exemplo simplório, nossa intenção é apenas elucidar e deixar clara a citação acima destacada.

¹¹ Uso o termo *repressora* por já ter sido antes destacado o caráter de ter que se recalcar as pulsões para se atingir um melhor estado de civilização e, conseqüentemente, de melhor harmonia no convívio social.

Já no âmbito da cultura, este fato não ocorre. Pois a difusão da cultura de forma geral estará voltada para a civilização dos sujeitos, e se pensarmos que o ato de civilização assim como os atos de felicidade são inversamente proporcionais¹², ficará nítido que quanto mais civilizados, mais infelizes serão os sujeitos, sendo este é papel da civilização assim como o da cultura. Assim pode-se chegar à conclusão de que a cultura, ao contrário da educação institucionalizada não respeita o princípio de prazer egoísta, pois esta pretende cada vez mais que os cidadãos que compõem a sociedade sejam mais civilizados, que haja cada vez mais harmonia social, ainda que ao preço de haver, conseqüentemente, mais sujeitos infelizes. Assim, entende-se que quanto mais infelizes (mais abatidos sob o peso das exigências da vida), mais civilizados e esta é uma lógica que é perseguida pela sociedade, já que cada vez mais se usam artifícios para padronizar os desejos e ações humanas.

É a cultura um “ato educativo”?

Após ter uma clara definição dos conceitos envolvidos nesta pergunta, pode-se afirmar que a cultura é um ato educativo, já que esta faz uso do aparato educativo para poder se infiltrar nas subjetividades, forjando sujeitos.

Quando nasce uma criança, a cultura se faz presente para que assim vá-se aos poucos introduzindo aquele novo corpo ao mundo da cultura, das diversas formas que já foram nesse trabalho explicitadas. Porém, para além desse primeiro momento, a cultura se faz presente ao longo de toda a vida de cada sujeito, pertencente ao corpo social, não ficando assim restrita aos primeiros anos de vida

¹² Tal discussão já foi realizada no I capítulo no que diz respeito ao para quê serve a cultura.

da criança. Pois então penso, o que faz a cultura todo este tempo na vida de um sujeito? Qual o seu objetivo?

Além do primeiro instante, a cultura deve fazer a todo o momento o movimento de manter o sujeito atrelado às regras sociais, para evitar qualquer disfunção na harmonização social, na vida coletiva dos sujeitos. Outra questão é o fato de se “reciclar” tais normas, pois as sociedades vão passando por transformações, por vezes pequenas, por vezes maiores, principalmente nos últimos anos, se enfatizarmos o campo da tecnologia. Se antes existia a “cultura” de se mandar cartas para parentes e amigos em lugares distantes, porque não hoje em dia “assisti-los ao vivo” na *webcam* enquanto conversa com o mesmo através de mensagens instantâneas? Justamente essa “reciclagem” também constitui a cultura, destacando a sua importância, que se sustenta ao longo de toda a vida do sujeito.

Com isso, fica claro que a cultura não somente lida com os aspectos das normas sociais, mas também de âmbito pessoais. Se antes o corpo tido como bonito era mais cheio e redondo, hoje em dia existe uma ditadura da magreza, que é ferozmente disseminada pela mídia e que afeta diretamente a vida pessoal de cada pessoa, inclusive alterando a forma como esta estima a si mesma, se comporta e lida com o mundo que está a sua volta.

Todas essas funções destacadas dizem respeito a um ato educativo, pois essas questões se dão no âmbito do diálogo com o “outro”, mesmo que este seja o “outro” simbólico, como no caso das mídias. Logo, a cultura pode ser tida como um ato educativo, já que ela subjaz ao longo de toda a vida dos sujeitos com o intuito de ir atrelando-o às subjetividades massificadas construídas pela propaganda e que dizem respeito ao campo da cultura.

É a educação é um ato cultural?

Ao mesmo tempo em que a cultura é um ato educacional, é legítimo supor que a recíproca seja verdadeira, ou seja, que a educação seja um ato cultural.

Quando se educa, se ensina e se aprende, se constrói e se reconstrói. No momento em que foi conceituado o que seria o ato de se educar, chegou-se à conclusão neste trabalho que seria o ato de dialogar com o outro. Pois bem, para se dialogar com o outro, primeiramente deve-se ter o entendimento de que existe o outro, e principalmente deve existir linguagem, pois só nós é permitido nos comunicar de forma complexa devido à existência dessa linguagem que foi culturalmente construída por todos os antepassados humanos, ou seja, a educação só é possibilitada devido à existência da cultura, que só se sustenta pela linguagem.

Se pensarmos que toda a ação, assim como todas as informações que são transpassadas através da educação são de cunho cultural, fica mais do que evidente que a educação é um ato cultural.

É necessário neste momento inclusive enfatizar a educação como uma ferramenta de disseminação cultural utilizada pela própria cultura. Pois é a educação quem pressupõem a implementação e manutenção da mesma.

Paulo Freire destaca em seu livro *Pedagogia da Autonomia* que “a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2002: 110). Para se intervir no mundo, é necessário que haja um entendimento do que é o mundo, para que assim se possa intervir no mesmo, ou seja, para que toda a educação exista como tal, faz se necessária a existência da cultura.

O ato de educar está principalmente embasado na linguagem, na fala e, como Bakhtin mostra, a linguagem é carregada de ideologias, e estas estão diretamente relacionadas com a cultura vigente. Através da fala, permeia-se a cultura.

A cultura, as organizações (linguagem, social, entre outros) precedem a educação, e o ato de educar se baseia nas normas culturais. Logo, é nítido que a educação é um ato cultural, pois a educação é embebedada pela cultura e suas implicações.

A Educação é mantenedora da cultura?

A educação é atravessada pela teia social e, consigo, leva os valores e regras sociais; estes dizem respeito mais propriamente à cultura. Ao fazer essa costura social com os fios culturais, a educação vai se tornando mantenedora da cultura vigente.

Outro saber que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além dos conhecimentos dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço da *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante. (FREIRE, 2002: 110).

A partir desta citação, Paulo Freire de certa forma responde a pergunta em questão, pois este faz uma relação entre a educação e a ideologia transpassada através desta, entendendo de forma clara que a educação perpassa a ideologia.

A ideologia é transmitida também através da fala, e é na cultura que a ideologia se encontra presente - não me aterei à discussão da conceituação de ideologia, apenas quero deixar claro que a ideologia está incorporada na cultura - logo, ao fazermos uma análise do trecho destacado de Paulo Freire, pode-se dizer que a educação é mantenedora sim da cultura. Pois por mais que ela se porte contra a “cultura vigente”, a algum aspecto específico dessa cultura, seja, por exemplo, a forma de governar, não estará se educando de outra maneira se não igual a que já se encontrava vigente; pois toda a formação cultural do sujeito estará embasada na cultura que vigora, que a este ponto já foi disseminada ao sujeito pela educação. Tal fim educacional pode ser distante daquele existente, porém toda sua base será construída a partir de tal realidade, a partir da cultura vigente.

CAPÍTULO III

Para que serve afinal a Educação?

Quais as propostas educacionais quanto à construção do sujeito?

Se forem analisadas as próprias propostas do MEC para os diversos ciclos da educação dentro da escola, será observado que desde o ensino dos anos iniciais até a universidade, as propostas são totalmente diferentes e desconexas. Apenas uma proposta se repete em todos os segmentos, que é a de formar cidadãos.

Para cada momento do estudante dentro da escola, há diversos conhecimentos que esse tem que alcançar para passar para a próxima etapa, e este é avaliado dentro destes conhecimentos que vieram a ser adquiridos ou não, ou seja, uma das propostas é o enriquecimento dos conhecimentos do sujeito. Porém, se for levado em conta o papel fundamental da educação, seja no seu sentido mais amplo, ou no seu sentido mais restrito que é voltado para as instituições educacionais, será constatado justamente o que diz respeito à construção do cidadão.

Essa construção é de suma importância dado que um dos principais papéis das instituições escolares é o de socializar seu estudante, a partir do convívio social, além de objetivar também recalcar suas pulsões, como antes ressaltado. Tal movimento acontece principalmente nos dias de hoje através da maneira de se educar para a ilusão, que Freud denunciou e que grande parte das escolas continuam a fazer uso deste artifício.

Se justamente um dos principais papéis desta instituição é a de construir cidadãos, esta deve ter pleno entendimento do que vem a ser essa construção. Deve-se pensar sobre o papel desta quanto a tal ação, entendendo-se como uma fonte de poder, já que esta pode ser caracterizada como uma medida de política pública de construção de subjetividades, pois dependendo da política adotada pelas instituições, haverá um perfil de estudantes a ser construído.

Se estivermos citando um exemplo de uma escola extremamente tradicional, haverá grande probabilidade de a maioria de seus estudantes serem mais conteudistas, acríticos, entre outros, a mesma relação é verdadeira para outras propostas educacionais. Logo, a escola deve reconhecer seu papel de poder, e para tal, não vejo outra forma se não através do entendimento de como esta constrói os cidadãos, como suas subjetividades são forjadas em apoios ideológicos.

Isso exige da área da educação um investimento em "pesquisa interdisciplinar própria", pois se for acompanhada sua trajetória de pesquisas, ficará evidente que a área da educação se apropriava de conhecimentos de outras áreas, como o da psicologia e biologia e transportava para si tais conhecimentos. Porém os intuítos destas pesquisas muitas vezes não tinham como fim o âmbito educacional, o que gera um verdadeiro caos, pois se transporta um conhecimento e tenta adaptá-lo, o que não necessariamente vai estar compactuando com a realidade vivida por tais sujeitos. Mas, se ao invés de transportá-los, tais conhecimentos forem gerados dentro de si, mesmo que a partir da interdisciplinaridade, haverá uma pesquisa mais efetiva, mais compactuante com a realidade, que poderá ajudar a elucidar cada vez mais esta questão da relação de poder que se estabelece nas instituições educacionais, já

que estas são responsáveis por parte da construção da subjetividade dos sujeitos que compõem toda a rede social.

Assim, vejo a continuidade da construção da subjetividade dentro do campo da instituição escolar como um dos papéis fundamentais do campo educacional, de forma que esta construção diz respeito não somente a aquisição de conhecimento, mas também a socialização do sujeito e constituição de uma ética e filosofia, a qual nossa sociedade atualmente tanto padece.

u

Como a psicanálise entende o papel da educação institucionalizada?

Freud destaca três profissões como sendo impossíveis, e são elas a de governar, educar e psicanalisar. Embora profissões impossíveis, estas não deixam de fazer parte do nosso dia-a-dia; inclusive, se fazem necessárias para que haja a organização em vida social.

Focando na educação, devemos pensar porque Freud a destaca como uma profissão impossível. Entendo que esta é tida como tal, pois suas propostas vão de encontro a sua necessidade de prática. Se for entendido que a educação é um ato cultural e mantenedor da cultura vigente, esta estará diretamente compactuada com a instrução voltada para a manutenção de tal cultura, ou seja, será papel da educação o de manter as organizações sociais tal qual estejam naquele momento. Tal educação será dada através da “educação dos espíritos livres” ou seja, terá que determinar regras bem definidas para os seus estudantes.

Porém, justamente pensando nessas normas que a escola necessita adotar é que podemos refletir sobre uma possível contribuição da psicanálise para o campo educacional.

O entendimento da psicanálise quanto ao papel da educação fica claro no livro de Millot, *Freud Antipedagogo*, quando esta faz uma distinção entre o educar para a ilusão e o educar para o real, como já destacamos.

Se for feita uma rápida análise dos métodos que as escolas utilizam nos dias de hoje, será verificado que ainda se ensina para a ilusão, ou seja, a educação parte do sentimento de culpa, da proibição, da castração para que assim consiga o respeito e a obediência (educação) dos seus alunos.

a educação revela ser “funesta” quando mantém o desconhecimento dos desejos e dos conflitos entre estes. Se a moralidade consiste em negá-los no outro e em si mesmo, ela não pode se não engendrar recalque. Ora, o que provoca sentimento de culpa não é tanto a renúncia deliberada (...) à satisfação desses desejos, e sim seu não-reconhecimento, seu recalque, inevitável de qualquer maneira para o sujeito se o próprio educador nada que saber deles (MILLOT, 2001: 115).

Porém, como mostra Millot no trecho acima, quando se faz o uso de artifícios ilusórios para se alcançar um nível de educação desejado, gera-se um grande conflito, pois na educação para a ilusão, o educador simplesmente ignora a existência de tais possibilidades de manifestação dos desejos, o que é pior do que rejeitá-los, pois quando se rejeita, ao menos reconhece que eles existem. Relegar tais conflitos a não existência é não reconhecer as características do outro, é limitar a subjetividade do outro, e matá-lo simbolicamente, mesmo que essa “morte” seja apenas de parte do outro. Ainda assim, será gerado um sentimento de culpa muito grande.

Dentro do âmbito psicanalítico, uma das maiores conquistas é justamente a do reconhecimento do desejo próprio e o do outro. Ainda quando este não seja um desejo adequado às normas sociais, é reconhecida a existência deste, o que

é diferente de compactuar com o mesmo. O reconhecimento nada tem a ver com o ato de condescender com o desejo, de forma a julgá-lo e dizer se ele é certo ou errado, apenas se reconhece à existência deste e aos poucos a análise vai seguindo, de forma que o sujeito entenda que ele realmente possui tal desejo e que embora socialmente este não seja passível de realização, ainda resta a via da sublimação e logo, este vai aprendendo a lidar com tal desejo.

É a partir deste viés que a psicanálise vem a oferecer uma nova visão para o campo educacional, de forma que este mude suas metodologias. No que diz respeito à forma de se educar; seria a troca do educar pela culpa/ilusão, para o educar para a realidade/razão, pelo reconhecimento. Este movimento fica explícito na fala de Millot quando esta diz que:

Em **O futuro de uma ilusão**, Freud coloca a questão de saber em que medida se pode esperar diminuir os fardos dos sacrifícios instintuais [pulsionais] que a civilização impõem, e reconciliar o homem com os que permanecem necessários. Ele mostra ali um otimismo relativo. Por um lado, põe limites à educabilidade do gênero humano em seu conjunto. Mas, por outro, funda grandes esperanças no que chama uma "educação para a realidade" que se esforçaria para assegurar a supremacia da inteligência e da razão, apoiando-se numa concepção científica do mundo, rejeitando as condições da ilusão. Segundo Freud, a inteligência é a única verdadeiramente capaz de controlar as pulsões; a condenação pelo juízo e a sublimação devem substituir o recalque nessa função. (MILLOT, 1976:149).

Com esse olhar sobre a obra de Freud, fica explícito o desejo do grande mestre de que a educação fizesse uma auto-reflexão e tentasse incorporar dentro de suas atividades esta questão do educar para o real, gerando assim uma educação baseada na cientificidade, na razão e no autoconhecimento.

Porém, desde o desafio lançado por Freud, quase não se vêem propostas educacionais deste tipo. Será este fato dado apenas ao desconhecimento de tal teoria, ou haverá alguma questão prática quanto a sua aplicação?

Há como tais propostas serem adotadas?

As propostas que foram postas em questão dizem respeito justamente ao entendimento analítico da educação, ou seja, uma reflexão crítica acerca do entendimento do que é a educação e qual seu papel, baseado em um viés psicanalítico.

Millot destaca em seu livro que tal analogia é tida como impossível, isso fica claro em uma de suas citações, onde esta escreve que:

A contribuição da psicanálise à educação, portanto, consistiria essencialmente na descoberta da nocividade desta ao mesmo tempo que da sua necessidade. Não há aplicação possível da psicanálise à pedagogia; não há pedagogia analítica no sentido de que o pedagogo alinharia sua posição subjetiva com a do analista, e adotaria "uma atitude analítica" para com o educando. Tudo o que o pedagogo pode aprender da e pela psicanálise é saber pôr limites à sua ação – um saber que não corresponde a nenhuma ciência, e sim à arte. (MILLOT, 2001: 154).

A partir desta citação, tem-se a noção de que é inviabilizada uma melhoria das propostas educativas a partir da psicanálise, pois o principal conhecimento que esta viria a fornecer à educação é o de justamente reconhecer a sua nocividade no que diz respeito à construção subjetiva de qualquer sujeito. Construção esta que é tida como nociva pela psicanálise, mas que é de extrema importância para a vida social coletiva, pois cabe à educação formar o cidadão que compactuará com as normas sociais.

Caso um educador se adequasse à postura psicanalítica, este não conseguiria educar, pois o educar pressupõem ser capaz de realizar esta imposição das regras sociais. Porém, o que ao meu ver, pode ser trazido como

produtivo para a educação é justamente o entendimento das formas como tais regras são impostas, além da reflexão acerca do porque tais regras devem ser impostas; o que nos levaria mais uma vez à discussão sobre o educar para a ilusão e o educar para a realidade.

Não se faz necessário educar através da repressão, mas sim a partir do reconhecimento do desejo, e autoconscientização do mesmo. Quando se entende a dinâmica social, o próprio sujeito percebe que tal comportamento não seria condizente com a sua situação de cidadão.

Millot (2001) acrescenta também à discussão a questão do limite das ações por parte dos educadores, pois estes, entendendo melhor a educação e suas funções, assim como suas conseqüências, seriam capazes de melhor pesar e pensar seus atos, chegando assim à conclusão de quando este deve ou não limitar suas ações. Esse movimento fica claro, por exemplo, nos textos de Paulo Freire, quando faz uma reflexão crítica sobre a sua prática:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento (FREIRE, 2002: 59).

Educação e proposta de transformação

No campo da educação tanto se fala sobre transformação, mas o que será que querem dizer com esse termo?

No que diz respeito à constituição histórica brasileira, mais precisamente na história das instituições escolares, a educação sempre foi subjugada, de forma

que a grande massa da população brasileira ficou excluída desse campo, pois para além do desconhecimento científico, estes eram relegados à ignorância. Uns dizem que isto é uma manobra política, porém, me ateei à discussão da importância do papel da educação.

Dentro da história das instituições escolares no Brasil, fica clara a tendência tradicionalista que sempre prevaleceu no ato de se educar, e isso traz consequências até os dias de hoje. Logo, quando se fala sobre transformação no campo da educação, a referência é feita a este processo, quer dizer, a uma tentativa de rompimento deste processo que perdura por séculos. Seria a tentativa de se formar o sujeito crítico, que fosse capaz de romper com essa estreita visão que lhe é imposta, que conseguisse refletir sobre sua prática, sua ética e capaz de realizar leituras críticas sobre as produções subjetivas, como as que são usadas pela mídia.

A educação por si só consegue atingir a tais objetivos?

Como visto antes, a educação é uma das ferramentas usadas pela cultura para que esta possa se propagar. Claro que isso não impede que uma escola repense sua postura político e pedagógica para assim tentar romper com as visões mais tradicionais, porém este processo só se dá quando a escola se entende como detentora de um poder ideológico.

Para além da escola, vejo a educação como uma medida de política pública, pois dependendo das leis que forem implementadas, há de surgir formas possíveis para lidar com tais questões.

Saber igualmente fundamental à prática educativa (...) é o que diz respeito à força, às vezes maior do que pensamos, da ideologia. É o que nos adverte de suas manhas, das armadilhas em que nos faz cair. É que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna "míopes" (FREIRE, 2002: 142).

Não se deve cair na mediocridade de achar que a educação é capaz de resolver tudo sozinha, isto é de uma concepção tremenda errônea, é não conhecer educação, é compactuar com uma ideologia alienante como demonstra Paulo Freire na passagem acima, que instiga a presença de tal pensamento, para que as pessoas fiquem apenas focadas na educação no seu entendimento mais limitado, para que assim tornem-se impossibilitados de realizar uma verdadeira transformação.

A educação como foi visto é um conceito muito amplo, e portanto, é influenciada por diversos fatores e campos sociais, dentre os quais, pode-se citar a política, a história, a economia, a tecnologia, a psicanálise, entre outros, o que leva à reflexão de que a educação por si só não é capaz de conseguir realizar as transformações desejadas. Apenas com um entendimento verdadeiro e crítico sobre o que é educação, das relações entre estes campos que foram anteriormente citados, assim como suas articulações, é que verdadeiramente poderá ser feito um projeto compactuado com a transformação desejada, ou mesmo uma melhor forma de se realizar parte da construção da subjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo de todo este trabalho, ficou claro que é interessante e necessário se compreender de forma distinta o que é o ato de educar, qual a verdadeira conceituação sobre esse ato. Entender a amplitude deste conceito, que em hipótese alguma pode ficar restrito aos muros das escolas, tal entendimento foi fundamental para o desenvolvimento desta monografia.

Conceito este que se distingue do que é ensinar; pois ao fazer este movimento, melhor serão compreendidas as práticas educativas e seus desdobramentos, além de conseqüentemente perceber a questão política a qual estão relegadas as instituições escolares e às subjetividades produzidas fora desta. Este movimento é de extrema importância, já que muitas vezes este discurso fica relegado ao não dito, a educação faz pacto com a ilusão, que ao invés de reconhecer, ignora, mutila-a, desprovendo-lhe assim da sua própria identidade.

A constituição subjetiva, que possibilita a construção do sujeito, se dá nas mais diversificadas instâncias. Retém-se primeiramente ao âmbito familiar, e posteriormente é introduzida no campo das instituições, sejam estas escolares, religiosas etc. O que destacamos como de extrema importância, para o qual chamamos a atenção, é que a todo o momento tal construção se dará através de práticas educativas, para além das restrições do conceito de ensinamento. A educação permeará toda a rede social e relações possíveis dentro da mesma, o que nos obriga a ter uma reflexão crítica sobre o que é o educar.

Com esse entendimento, mesmo que rudimentar ainda, e que talvez aprofunde em estudos posteriores, creio ser possível a realização de uma

reflexão mais crítica acerca destes temas, até mesmo pelos próprios professores e estudantes da área de educação, assim como também para os educadores da vida. Uma melhor compreensão crítica sobre o que é educar/viver para todos que são educadores, para todos aqueles que estão abertos ao diálogo, não faria mal a nenhum deles e faria o melhor pelos educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALVES, Rubem - **Ao professor, com meu carinho**. Campinas, SP: Verus, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail - **Marxismo e a filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004. 11ª Ed.
- BARROS, Rita M.M - **A promessa analítica e o mal-estar na cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- FREIRE, Paulo - **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 24ª Ed.
- FREUD, Sigmund. Conferência XXXIII: O mal-estar na civilização. 1929 In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely - **Micropolítica – cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes. 1986. 2ª Ed.
- MEZAN, Renato – **Freud, pensador da cultura**. Rio de Janeiro: Brasiliense. 1985. 3ª Ed.
- MILLOT, Catherine – **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____ – **Psicanálise e Educação**. Rio de Janeiro: Rio, 1976. REVISTA ORNICAR
- OLIVEIRA, Marta Kohl - **Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento**. São Paulo: Scipione 1997. 4ª Ed.
- OLIVEIRA, Rosiska – **Elogio da diferença**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 1ª reimpressão.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo – **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 20ª Ed.

FILMOGRAFIA:

- NÁUFRAGO (Castaway). Direção de Robert Zemeckis. EUA: Universal Pictures, 2000. son., colr., 144 min.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Isabella Tereza de Sá

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : A construção subjetiva
na didática entre a educação e a cultura no sujeito.

ORIENTADOR : Prof. Maria Inês de Barros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Francisca Karina de Sousa

Nota : 9,0 (nove)

Considerações:

Trabalho interessante fruto de uma
pesquisa bibliográfica realizada com cuidado
proposta interessante para o campo da
prática pedagógica, especialmente no que
concerne ao processo de produção de
subjetividade.

em anexo
par

Segundo avaliador :

Professor orientador : Rita Regina Inês de Barros

Nota: 9,0 (nove)

Considerações:

Trabalho que derivou de suas pesquisas sobre a subjetividade, em especial, da mulher.

Contudo, o tema escolhido é muito abrangente e, sobretudo, muito denso. Anos de estudos seriam necessários para tratar o tema com o rigor que requer.

Houve a ousadia do autor em sustentar seu tema e sugerir aprofundamentos de seus estudos.

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Luiza Regina Coimbra

Nota : 10,0

Considerações:

O trabalho contém todos os elementos formais de uma monografia.

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	9,0	10,00	28,0	9,3

Rio de Janeiro, Julho / 2006

Luiza Coimbra